

Por Rafael Lima

Por um ano inteiro, o sol forte e o solo avermelhado de Moçambique foram o cenário de uma das experiências mais transformadoras da vida de Ana Carolina, 27 anos, missionária da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Do conforto da rotina no Rio de Janeiro ao contato direto com comunidades marcadas pela pobreza, mas também pela alegria, Ana viveu uma imersão espiritual e humana que redefiniu sua maneira de enxergar o mundo.

“Acho que foi a questão de olhar as coisas de um jeito diferente”, conta ela. “Quando você vê pessoas que não têm nada, mas são felizes com o que não têm, isso muda tudo. Hoje eu não reclamo de nada, porque aprendi com aquelas crianças e senhorinhas que só querem alguém que as ame como elas amam uns aos outros.”

Antes da missão, Ana era empreendedora. Tinha um restaurante movimentado, boa estabilidade financeira e uma vida confortável na zona oeste do Rio. “Eu era empreendedora, tinha um restaurante, muitos clientes. Me sustentava bem, morava bem. Mas eu decidi largar tudo para seguir a Deus e as pessoas. E isso me fez ser quem eu sou hoje: uma pessoa mais forte e com vontade de nunca desistir.”

O chamado para a missão chegou de forma inesperada. “Eu tava sozinha no restaurante quando chegou a notificação. Fiquei ansiosa, pensando pra onde eu iria. Será que pra Bahia?”, lembra Ana, rindo. “Quando abri minha carta, vi ‘Moçambique,



Ana Carolina, chamada de Sister Da Silva, junto aos moradores de um vilarejo em Anchilo

Uma missão para marcar a vida

Missionária do Rio conta experiência de um ano em Moçambique, na África

Beira’. Fiquei em choque. Nunca acreditei que iria tão longe.”

Depois de cinco meses em Porto Alegre aguardando o visto, embarcou rumo ao país africano. Logo nas primeiras semanas, o choque cultural foi intenso. “Assim que cheguei, quase fui expulsa pelos mosquitos, porque tem muito! Parecia que iam me carregar”, brinca. “Meu presidente de missão disse: ‘Olha, esse é o carro mais chique que temos aqui’. E era um ônibus todo quebrado. Eu pensei: ‘Sério que é isso?’. Mas se o presidente disse, eu acredito.”

Em Moçambique, a rotina era voltada para o trabalho missionário: ensinar valores espirituais, ajudar nas comunidades e cuidar das pessoas. “Meu intuito lá era ajudar as pessoas a chegarem a Cristo, aprendendo sobre fé, arrependimento, batismo, dom do Espírito Santo e perseverança até o fim.”

Com experiência em enfermagem, Ana também auxiliava em pequenos cuidados de saúde. “Meus presidentes de missão sempre deixaram eu cuidar muito bem das pessoas. Eles acreditavam em mim.”

A missão a levou a diferentes regiões do país, entre elas Nampula, onde viveu um dos períodos mais marcantes. “Lembro que eu estava num vilarejo bem distante, em Anchilo. Lá não se fala português, só makua. Eu ensinava as crianças e tentava mostrar um pouco do idioma.”



Hoje, já no Brasil, a missionária mantém contato com algumas pessoas de Anchilo e criou um projeto social para ajudá-los

Conflito político

Mas o trabalho foi interrompido por questões políticas. “Estava na época da guerra. Todos os estrangeiros tinham que sair da cidade. Fui designada para a África do Sul. Foi muito triste, o sentimento de abandono me corroía.”

Mesmo assim, a fé permaneceu firme. “Faltavam duas transferências para eu ir embora. Depois de quase dois meses, recebi a confirmação de que poderia voltar a Moçambique, porque meu visto ainda era válido. E consegui terminar minha missão com honra.”

Hoje, seis meses depois de seu retorno ao Rio de Janeiro, Ana ainda carrega vivas as lembranças de Moçambique. “As pessoas, o amor simples, a humildade... tudo isso ficou em mim.”

Projeto Social

Motivada por essa experiência, ela criou um pequeno projeto social. “Por isso tenho um projeto chamado ‘Anchilo, Nampula, Moçambique’. Quero ajudar as pessoas a terem um lugarzinho melhor para adorar a Deus e uma escolinha para as minhas crianças aprenderem português”. Para